

CARLA KOVACH

A woman with blonde hair in a dark teal dress is on the left, and a woman with blonde hair in a dark red dress is on the right. They are both looking towards the center where the title is located.

A ESPOSA DO MEU MARIDO

*Há cinco anos, enterrei meu marido.
Hoje, eu o vi com a sua nova esposa.*



FARO
EDITORIAL

CARLA KOVACH

TRADUÇÃO
Sandra Martha Dolinsky

A ESPOSA DO MEU MARIDO

Para aqueles de luto após a
perda uma pessoa querida.

PRÓLOGO

Deu positivo. Ele me espera do outro lado da porta do banheiro para eu contar a grande notícia. Enfim, serei mãe. Isso é tudo o que eu sempre quis. Sempre sonhei em ter dois, talvez três filhos, mas, este bebê tão precioso provavelmente será o único. Pouso a mão na barriga; sei que ele não passa de algumas células, mas já o amo mais que tudo. Nada no mundo é mais importante que meu feijãozinho.

Ele bate de novo.

— E aí? Conta logo.

Abro a porta devagar e lhe entrego o teste de gravidez.

— A gente vai ter um bebê.

Eu não poderia sentir mais amor que nesse momento. Minha vida é perfeita. As pessoas próximas acham que nos precipitamos, mas, quando a coisa é para valer, a gente sabe.

Ele me pega no colo, beija meu rosto e meu pescoço e me gira até eu ficar tonta, mas de um jeito bom. Quando finalmente consigo me soltar dos seus braços, ele vai até a cozinha, põe uma música e volta com duas taças de champanhe: uma com espumante para ele, e outra com suco de laranja para mim. Brindamos:

— A nós! — diz ele, olhando-me nos olhos com carinho.

Desvio o olhar e engulo em seco. Por quê, se o amo tanto, estou mentindo tão descaradamente? Nunca poderei confessar que o filho não é dele. Pego sua mão e a pouso sobre minha barriga.

— A nós e a esta pequena vida dentro de mim.

U M

EVA

Sempre achei que, depois de encontrar o verdadeiro amor, não haveria outro. Como estava enganada! Meu coração está transbordando de alegria. Risco os itens da minha lista de tarefas com uma dancinha. Não só encontrei o homem com quem vou passar o resto da vida, como também meu filho de dez anos, Caiden, o adora. Fecho a última caixa de papelão e escrevo *Galpão* nela.

Nosso cachorro, um West Highland Terrier, olha para mim, com sua franja branca meio encaracolada sobre os olhos e geme.

— Hoje é um grande dia, Freddie — digo.

Ele abana o rabo. Tiro uma foto dele ao lado da caixa e posto no Instagram com a legenda “Recomeço”.

Meu telefone vibra, e abro a mensagem de Zach.

Estou morrendo de saudade. Este lugar é incrível, mas está vazio sem você. Mal posso esperar para você chegar.

Te amo muito 🥰

Estou louca para me mudar para nossa casa à beira-mar, em Combe Martin, com meu filho e meu novo marido. Penso em todo o trabalho que Zach teve; nos últimos dois meses, ele transformou aquela casa em um lar.

Guardo a caixa de chocolates — quase vazia — que trouxe para casa ontem. Estava louca para terminar de cumprir meu aviso prévio

e deixar Malvern para trás, mas vou sentir falta dos meus colegas e da minha mãe.

O caminhão de mudança deve chegar a qualquer momento, então, dou uma volta rápida pela casa. Encontro Caiden dormindo no sofá de boca aberta. Saio contornando o mar de caixas para lhe dar um beijo na testa; ele se remexe.

— O caminhão de mudança já está vindo.

Ele esfrega os olhos e aninha Doggo embaixo do braço. O velho cachorro de pelúcia que eu e o pai dele compramos quando ele era bebê parece ter sido atropelado por um caminhão; seu único olho âmbar está todo arranhado, mas é comovente ver como ele ama Doggo. Ele tem só dez anos, ainda é meu menininho. Eu o abraço de leve e aspiro o aroma de maçã do seu xampu e o leve cheiro de um biscoito de chocolate que ele molhou por tempo demais no leite e ficou rindo enquanto escorria por seu queixo.

Quanto mais o observo, mais vejo seu pai. O nariz ligeiramente alongado é idêntico ao de Hugo. Sinto um frio na barriga ao pensar no que estou deixando para trás. Caiden cresceu em Malvern. Ele andava pelas colinas com o pai; pescavam nos lagos da região e observavam pássaros juntos.

Tenho receio de estar afastando Caiden das suas memórias e de que ele acabe esquecendo como seu pai era maravilhoso. Um arrepio percorre meu corpo. Quero esquecer algumas coisas que me assombram à noite, mas não posso pensar nelas agora. Respiro fundo para controlar a ansiedade que borbulha dentro de mim.

Hugo morreu há cinco anos. Engulo em seco ao me lembrar do acidente. Chamo de acidente, mas no laudo oficial foi suicídio. As coisas nem sempre foram perfeitas entre nós; fico angustiada ao pensar em nossas discussões. Ele mentia por mim, encobria meus erros e estava sempre presente. Me lembro daquele olhar distante que normalmente surgia em seu semblante. Hugo sabia todos os meus segredos, mas sempre tive a sensação de que eu não sabia os dele.

— Eu te amo, mamãe, vai dar tudo certo — diz Caiden, com uma maturidade que vai além da sua idade.

Sinto meu coração derreter; sempre acontece quando ele diz que me ama.

— Também te amo, filho.

Está mesmo acontecendo; estou deixando tudo para trás, o passado ficará no passado. Estou feliz de verdade, mas surge uma rachadura

em minha felicidade quando penso em Hugo. Ele não gostaria que eu fosse infeliz até morrer. Sei que ele me amava e adorava o filho.

Passando as fotos no celular, encontro uma de quando ele tinha três anos, na praia de Combe Martin, em Devon. Alternávamos nossas férias entre lá e as Terras Altas da Escócia desde antes de Caiden nascer, e queríamos compartilhar nosso amor por esses lugares com nosso filhinho. A alegria no rosto dele quando fazia castelos de areia com sua pazinha de plástico sempre me fazia sorrir.

Guardo o celular e olho pela janela para ver se o caminhão de mudança está chegando, mas ainda não são oito da manhã. Penso em Zach, que está nos esperando. Quando ele perguntou:

— Se você pudesse escolher qualquer lugar do mundo para morar, onde seria? Podemos ir para qualquer lugar?

— Combe Martin — porque é um lugar que ele também adora — disse sem hesitar.

Em breve, as manhãs frias de março darão lugar ao verão, e só consigo pensar em nossa nova vida e na vista para o mar. Um leve nervosismo me faz sentir um frio na barriga. Eu me pergunto se é sensato voltar a um lugar que guarda tantas boas lembranças do meu falecido marido; mas eu amo esse lugar. Amo as poças de maré, os cafés charmosos e o pub na praia. A enseada protegida parece abraçar seus visitantes, e vou adorar passear pela Trilha da Costa Sudoeste com Freddie. Só sei que não posso ficar onde meu marido morreu.

Respiro fundo; a culpa me domina de novo, mas a reprimo e respondendo à mensagem de Zach.

Eu também te amo muito e estou louca para começarmos
nossa nova vida juntos. Até já 🥰

Começa uma movimentação frenética; o pessoal da mudança chega e coloca todos os nossos pertences no caminhão. Tranco a porta da casa, que foi nosso lar durante um ano, e devolvo as chaves pelo correio.

Entro no carro e olho pelo retrovisor. Caiden está com geleia num dos lados do rosto. Finjo que estou esfregando o meu, ele ri e se limpa. Freddie está com seu cinto de segurança e estamos prontos para ir.

— Para que essas flores? — pergunta Caiden.

— Pensei em visitarmos a árvore do seu pai mais uma vez antes de partir.

Ele concorda com a cabeça, sem dar muita atenção ao que digo. É triste pensar que ele deve se lembrar muito pouco de Hugo. Meu telefone apita. É minha mãe.

Boa viagem, diga a Caiden que a vovó mandou um beijo.
Vou visitá-los logo. Ligue quando chegarem. Beijos para
todos vocês 😊

Enquanto dirijo pela estrada íngreme que desce a encosta, tento não chorar. Vou sentir mais falta da minha mãe que de qualquer outra coisa. Nós nos despedimos ontem à noite, no jantar, e ela prometeu que iria nos visitar logo. Ela é meu porto seguro desde a morte de Hugo. Respiro fundo, afinal, não estamos nos mudando para a Austrália; são só três horas de carro até nossa casa nova. Mamãe dirigia ônibus de turismo nas Terras Altas da Escócia antes de se aposentar, então, ir de carro até Combe Martin será moleza para ela. Ontem, fiquei dizendo o tempo todo a ela para ir nos visitar.

Ao chegarmos a nossa antiga casa em Malvern, onde Caiden e eu moramos com o pai dele, parei o carro.

— Posso ficar no carro com Freddie?

— Queria que você fosse comigo. Acho que nós dois deveríamos deixar as flores para o papai, não acha?

— Claro, mãe, vou com você. Coloco a coleira no Freddie?

— Faz esse favor para mamãe?

No céu, um raio de sol dourado atravessa uma camada de nuvens cinzentas. Ele reflete na janela do carro e quase me cega quando abro a porta de trás para que Freddie e Caiden desçam. Meu filho aperta os lábios ao olhar para a casa vitoriana que chamamos de lar por quase nove anos da sua vida. Ela se ergue ali orgulhosamente, com fachada dupla e três andares de altura, sólida e imponente na paisagem panorâmica. As cortinas que fiz para as janelas do andar de cima ainda estão ali penduradas. É como se eu visse o fantasma de Hugo com Caiden no colo, balançando-o para cima e para baixo e apontando para os pássaros que fazem ninho na árvore em frente.

Hugo e eu nos mudamos para essa casa três meses depois do nosso casamento. Os pés-direitos altos, o hall com azulejos originais e a

sala de jantar com espaço para uma mesa de dez lugares me impressionaram. Quando criança, morávamos só eu e minha mãe em um apartamento pequeno em Redditch, bem em frente à casa da minha avó. Conhecê-lo e me casar com ele foi como um sonho. Logo depois de descobrir que eu estava grávida, nós saímos dançando pela sala de estar, radiantes com a notícia.

Aqui estou eu de novo, vivendo no passado. Sinto meu peito se apertar e minha respiração se acelerar. Voltar aqui me deixa assim. Começo a girar minha aliança, contando e respirando devagar para controlar a ansiedade. Quando meu ritmo cardíaco volta ao normal, abro a porta do passageiro e pego o buquê de margaridas no banco.

— Vamos, mãe. Temos uma longa viagem pela frente.

A nova dona da casa aparece à janela. Está com um bebê no colo, apontando para um corvo pousado no muro de pedra que divide a entrada da garagem da rua. Quando me vê, seu semblante endurece, e ela fecha as cortinas.

Sigo meu filho até a macieira de Hugo, que plantamos na divisa do nosso terreno quando nos mudamos. O muro que separava a garagem do precipício nunca foi reconstruído. Meu coração dispara, e o sangue pulsa em minhas orelhas quando penso em nosso carro velho atravessando aqueles tijolos, despencando do penhasco íngreme. A fita, já gasta, que alguém da prefeitura passou para isolar a abertura, está ali há anos. Eu deveria ter consertado o muro antes de me mudar, mas o dinheiro estava curto naquela época. Hugo tinha um seguro de vida para cobrir o saldo devedor da hipoteca em caso de falecimento, mas não tínhamos muitas economias. Sempre achei que tínhamos mais, mas, pelo visto, não tínhamos nada guardado para emergências.

Freddie puxa Caiden até a árvore e faz xixi.

— Freddie, essa é a árvore do papai! — Caiden o puxa delicadamente até a grama.

Sorrio e me sento ao pé da árvore. Deixo as flores apoiadas no tronco e observo as mensagens que Caiden e eu entalhamos na madeira ao longo dos anos. *Árvore do Hugo... Que saudades... Te amo demais...* Com minha ajuda, Caiden havia desenhado um rostinho sorridente na casca. Eu havia enterrado uma breve carta para Hugo, perguntando por quê, simplesmente, por quê? Eu lhe dizia sem parar que o amava. Ele deixou um buraco em meu coração, mas, agora, conheci uma pessoa que preencheu esse vazio. Me sinto uma traidora estando perto desta árvore e me sentindo tão feliz.

Trarei Caiden sempre aqui quando viermos visitar minha mãe, mas, neste momento, estou me despedindo da tristeza e do luto. Devo isto a Zach: encontrar a paz e focar em nós. Ele é um bom homem e me merece por inteiro. Não que não entenda, ele entende; ele também já sofreu perdas. É por isso que nos damos tão bem.

— Nunca vou esquecer de você, Hugo.

Tiro minha primeira aliança do bolso e a pazinha de jardinagem da bolsa. Cavo a terra ao redor da árvore, jogo a aliança e cubro o buraco, colocando uma pedra cinza em cima. Vejo o montinho de terra onde enterrei minha carta. Parece remexido; retiro um pouco do barro com a pá e, ao cavar um pouco mais fundo, descubro que minha carta sumiu. Alguém a pegou. É triste que alguém faça uma coisa dessa.

Olho para a beira do precipício, e meu peito gela. Caiden está se aproximando cada vez mais, Freddie o puxa para todos os lados. Quero gritar para ele voltar, mas se eu assustá-lo, ele pode cair.

Levanto-me com os joelhos bambos e me aproximo sorrateiramente do meu filho, por trás. Agarro-o firme nos braços e o puxo para mim.

— Nunca mais faça isso, Caiden! — grito.

Ele me fita com os olhos arregalados, como se eu fosse louca. Faz muito tempo que ninguém me olha assim. Sinto culpa imediatamente. Caiden tem todo o direito de me olhar desse jeito; ele só não sabe por quê.

— Eu estava só olhando os campos e as árvores. Não estava perto da beira, juro.

— Estava sim, eu vi.

Um puxão de Freddie e ele estaria lá embaixo, ao pé da colina, morto entre as copas das árvores. Esse precipício me dá um nó no peito. São quilômetros e quilômetros de verde.

Os campos à frente, entrecortados por estradas e casas, me deixam tonta. Coloco Caiden no chão e o puxo para mais longe ainda do precipício. Um corvo pousa na árvore de Hugo e grasna, provocando-me arrepios. É como se Hugo estivesse ali, me observando e me lembrando dos meus erros do passado.

— Você está brava, mãe?

— Fiquei assustada. Seu pai perdeu a vida aqui, você sabe disso. Eu não quero perder você também, entende?

Por seu rosto corado, vejo que ele acha que estou lhe dando uma bronca, mas não estou. Tenho pesadelos com o que aconteceu com o

pai dele e não suportaria que algo assim acontecesse com meu filho. Fico imaginando Hugo caindo naquela ribanceira com o carro, e isso me assombra demais.

Ele morde o lábio inferior e concorda exageradamente com a cabeça, como de costume.

— Desculpe — diz olhando as flores. — Tchau, papai. — Sorri. — Podemos ir agora?

— Vamos sim.

Pego a pazinha e a jogo na bolsa.

Ao entrar no carro, me sinto mais leve por deixar o velho para trás e abraçar o novo. Estou louca para chegar a Combe Martin. Aumento o volume do rádio, está tocando *Happy*, do Pharrell Williams. Caiden grita *happy* toda vez que Pharrell canta a palavra, e agora, tirando o fato de meu filho ter ficado perto demais da beira de um penhasco, estou feliz e nada pode tirar isso de mim; de nós.

Deveria esquecer o passado, mas só consigo pensar em Hugo caindo de lá. A culpa está prestes a me engolir. Hugo levou meu segredo consigo, um segredo tão grande que, se meu filho descobrisse o que fiz, jamais me perdoaria.

DOIS

Depois de alguns trechos de chuva, finalmente estamos passando pelas ruas charmosas e estreitas de Combe Martin. Tivemos que parar cinco vezes para que Caiden ou Freddie fizesse xixi, mas chegamos. Recebi uma mensagem há duas horas avisando que o caminhão de mudança chegou e que as nossas coisas estavam sendo descarregadas.

Passando devagar pelas ruas sinuosas, não posso deixar de notar as casas brancas com toques de azul que evocam o litoral. Quase solto um grito quando dou passagem a um carro na rua apertada. Há uma lojinha linda com conchas na vitrine. Seremos muito felizes aqui.

Caiden boceja ao acordar do seu breve cochilo, e Freddie começa a latir.

— Mãe, estou vendo o mar! — grita Caiden, esfregando os olhos para espantar o sono.

— Sim, já chegamos! Você brincava naquela praia quando era menor, e nós viemos aqui quando você ainda estava na minha barriga.

— Eu não sou pequeno. Tenho dez anos.

Sim, você ainda é pequeno, tenho vontade de lhe dizer, mas ele acha que já cresceu porque faz sanduíches e cupcakes.

— Você se lembra daquela vez que encheu o baldinho de algas e jogou em cima de mim enquanto eu tomava sol? — gritei tão alto que um homem que estava passando achou que tinha me machucado. Nunca rimos tanto.

Caiden franze a testa.

— Acho que sim — responde, pensativo.

Temos muitas fotos, mas acho que ele esqueceu como era abraçar o pai. Será que ele ainda se lembra da voz do pai ou essas lembranças se perderam?

O outro carro passou, e continuo dirigindo. Acho que Caiden não se lembra muito bem daquelas férias. Era um dia quente de agosto, ele tinha quatro anos. Mais tarde, jantamos no bar da praia. Caiden adormeceu nos braços de Hugo, e eu deixei escapar o que estava pensando:

— Eu quero muito outro filho.

Hugo não conseguira conter a empolgação. Fizemos planos, estávamos felizes e, depois de vários meses tentando engravidar, sem sucesso, ele morreu.

Respiro fundo algumas vezes. Esta mudança deveria ser um recomeço, então por que não consigo parar de pensar no passado desde que fui ver a árvore de Hugo? Talvez seja porque estou vindo morar aqui. Afasto esses pensamentos do passado. A casa nova nos espera.

Quanto mais perto estamos, mais animada fico. O friozinho na barriga vai aumentando. Um casal com uma criança sobe os degraus da praia, suas capas de chuva farfalham à brisa. Um rápido olhar para a esquerda me mostra que não há mais ninguém ali, nem caminhando pelas poças de maré que cercam a ponta da praia. O enorme penhasco e as colinas me fazem estremecer um pouco. Parece que sempre acabo morando em colinas. Hugo morreu em uma, mas elas são lindas, de tirar o fôlego. O que aconteceu com ele foi uma tragédia, nada mais.

Faço a curva e sigo uns oitocentos metros até chegar a nossa casa nova. Paro atrás do caminhão e sorrio ao ver Zach carregando caixas. Meu marido Zach. Sinto uma leve tontura ao pensar nisso, porque tudo aconteceu rápido demais.

Antes que eu consiga pegar o celular, Caiden já saiu do carro, e Freddie late na minha orelha. O portão está aberto, por isso coloco a coleira em Freddie antes de deixá-lo pular do banco e descer.

— Eva!

Zach corre para mim, me levanta uns centímetros do chão e me beija. Seus braços são fortes e protetores. Tudo o que eu quero é me aninhar nele.

— Estava com saudades, amor.

Ele me deixa no chão, e nos beijamos de novo.

Senti muita falta disso, estou louca para dormir com ele esta noite, com minha família toda debaixo do mesmo teto.

— Precisa ver a cozinha.

— Estava morrendo de saudades de você.

Não consigo parar de beijá-lo. Não nos vemos desde que ele voltou para Malvern, há oito semanas. Parece uma eternidade.

— Estou louca para ver tudo o que você fez na casa!

— Sério, ficou melhor que nas fotos.

Ele me puxa pela mão, e eu puxo Freddie. Caiden já está lá em cima, vendo qual quarto é o dele. Vamos para a sala aconchegante, com lareira no fundo. Duas enormes vigas cor de carvão atravessam o teto. Depois, vamos para uma salinha divisória onde já está a mesa de jantar de dez lugares que eu havia guardado em um depósito, pois não cabia na casa anterior. A parte antiga da casa se abre para uma enorme cozinha integrada à sala de estar; esse foi o motivo de escolhermos esta casa. A vista ampla, do chão ao teto, da praia de pedras e do mar lá embaixo é tudo que Zach e eu sonhávamos comprar.

— Mamãe, posso ficar com a suíte grande?

Dou uma risadinha e bagunço o cabelo do meu filho.

— Esse é nosso, Caiden. Tem mais três quartos, escolha um dos outros quartos decorados.

Prendo a guia de Freddie embaixo do pé de uma cadeira para que não fuja enquanto olho tudo melhor. Passo a mão pelas gavetas azul-escuras da cozinha estilo Shaker, abro e fecho uma delas. A enorme ilha no meio tem exatamente a bancada que eu escolhi e coloquei em nosso painel virtual de ideias. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não acredito que você fez tudo isso!

Vou até a sala de estar e apalpo o novo sofá cinza-carvão, animada para comprar peças de decoração e dar um toque especial.

— Que bom que gostou.

— Gostei, e depois vou te mostrar quanto.

Nossa, como senti falta dele! Passo os dedos por seus cabelos escuros e fartos, que estão meio despenteados, como sempre. Entrelaço minha mão na dele, sinto os calos, sinal de todo o trabalho árduo, e os acaricio.

— Isso é uma promessa? — Ele sorri e me beija de novo.

— Lógico que é. Mas acho que precisamos desencanaixotar umas coisas e comer primeiro.

Freddie resmunga e arrasta a cadeira, tentando se livrar da coleira.

— Vamos lá.

Zach se despede do pessoal da mudança e pega a caixa etiquetada como “Elétrica”.

— Vou instalar a tevê. Acho que Caiden vai querer ver alguma coisa mais tarde.

— Assim, teremos um pouco de paz enquanto abrimos as caixas. — Concorro com a cabeça. — A noite vai ser longa. Vou subir para arrumar as camas e depois seria bom pedirmos comida. Precisamos comemorar.

Olho ao redor, vejo que a porta está fechada e solto Freddie. Ele abana o rabo e começa a cheirar tudo.

— Acho ótimo.

Estou louca para me jogar em um dos sofás e dormir, mas sei que tenho muita coisa para fazer. Subo correndo as escadas e ouço uma voz vindo do quarto no fim do corredor. Escuto atentamente atrás da porta; Caiden está falando sozinho.

— Esta é nossa casa nova e este é meu quarto, Doggo. — Um pouco de barulho é seguido por mais tagarelice. — Papai, estamos na casa nova. Mamãe disse que sempre vínhamos passar as férias aqui, mas não me lembro direito. Eu encontrei isto. — Um breve silêncio. — Vou guardar para sempre. Queria que você estivesse aqui e que não tivesse morrido.

Bato na porta antes de abri-la.

— Caiden.

Não vejo o objeto que ele guardará para sempre. Só vejo Doggo e pilhas de caixas.

— Escolhi este quarto, mamãe. Minha cama já estava aqui.

Ele ainda me chama de mamãe, às vezes, principalmente quando está cansado ou se sentindo mal. Sento na beira da cama e beijo sua cabeça.

— Que bom, acho perfeito.

O quarto tem muitos armários e prateleiras para todos os seus brinquedos e roupas, e, por ficar no sótão da parte mais antiga da casa, é cheio de charme, tem aquelas paredes em ângulos e teto abobadado.

— Sei que você sente muita falta do papai. Estava falando com ele agora há pouco, antes de eu entrar?

— Não, papai morreu. Estava conversando com Doggo. Eu sei que é só um cachorrinho de pelúcia; tenho dez anos, não cinco, mas ainda gosto de conversar com ele às vezes, porque ele não me faz perguntas.

Dou de ombros e me sento ereta, meio chateada por meu filho preferir conversar com um cachorro de pelúcia a falar comigo.

— Tudo bem, mas você sabe que pode conversar comigo sobre qualquer coisa, não é?

— Eu sei, mãe.

Freddie pula na cama e começa a lamber o rosto de Caiden.

— Freddie, que nojo! — Caiden ri e brinca de lutinha com Freddie.

Ao rolar na cama, seu casaco se abre e revela algo que me dá arrepios.

— Caiden, onde você arranhou isso?

— É meu. Eu quero.

Ele arranca o objeto da minha mão e sai furioso do quarto, com Freddie latindo atrás. Fico boquiaberta, confusa. Quero chamá-lo de volta, mas o deixo ir. Vejo uma abertura no fundo de um dos armários embutidos. É um vao e está vazio.

Como Caiden encontrou o corvo de brinquedo de Hugo, que estava no painel do carro quando ele sofreu o acidente? Esse corvo nunca foi encontrado nos destroços do carro do meu falecido marido.

TRÊS

Eu me deito nos braços de Zach e fico pensando naquele corvo de brinquedo, aconchegada em seu peito peludo. Ainda estou meio chocada, mas acho que já voltei à realidade.

— Estava sentindo falta.

— De quê, de sexo? — pergunta ele, rindo.

Saio dos seus braços e me sento na cama.

— Não só do sexo. — Dou um tapinha no braço nu dele.

Beijo Zach de novo, tentando esquecer o brinquedo. Faz tempo que não fico com meu marido e quero estar presente.

— Ah, do meu charme, minha inteligência e minha beleza.

— Agora você entendeu!

Nós brincamos muito, por isso me sinto tão à vontade com ele. Zach é o oposto de Hugo; ele era sério e misteriosamente romântico. Era o meu Heathcliff. Zach é engraçado, mais realista e adora rolar no chão brincando com Freddie e Caiden. Imagino nossa casa cheia de filhos — depois que nos instalarmos, claro.

— Sou uma mulher de sorte!

— Entendo perfeitamente, eu sou um bom partido. — Ele aperta os lábios e ergue as sobrancelhas, tentando me fazer rir.

Por mais que eu tente tirar o corvo de brinquedo da cabeça, não consigo e não sei se devo tocar no assunto. A última coisa que eu quero é ter uma conversa profunda sobre Hugo na nossa primeira noite juntos depois de oito semanas, e logo depois de fazer amor.

— Eva, está tudo bem?

Sorrio, torcendo uma mechinha de cabelo e sem querer arranco uns fios. Droga, eu não fazia isso desde que Hugo morreu. Levo

delicadamente a mão à nuca, onde ficava a falha de cabelo, mas logo a retiro.

— É só uma coisa que aconteceu mais cedo...

— Que coisa?

— Eu estava ouvindo atrás da porta do quarto de Caiden e o ouvi falando sozinho.

— Ué, ele tem dez anos, acho que não é grande coisa. O que ele estava dizendo?

— Nada demais, estava só conversando com Doggo. — Não quero comentar que ele estava fingindo falar com Hugo. — Mas não é por isso que estou preocupada.

— E por que está preocupada? — pergunta, pegando minha mão.

— Encontrei uma coisa e...

Eu fiquei absurdamente angustiada depois de ver o corvo e não consigo entender como foi parar nas mãos de Caiden.

— O que você encontrou?

— Caiden tinha um brinquedo, um corvo com uma ventosa embaixo para grudar nas coisas.

— Tá.

— Não era um brinquedo qualquer; era um que Hugo deixava no painel do carro. Eu o comprei para Hugo antes de Caiden nascer, porque ele gostava de observar os corvos fazendo ninho em frente de casa. Depois ele o perdeu, numas férias. — Dou de ombros, sem a menor ideia de como pôde ter sumido. — Eu sabia que ele gostava do brinquedo, por isso ajudei Caiden a comprar exatamente o mesmo corvo no Natal antes de Hugo morrer. Assim que abriu o presente, ele colocou no painel do carro e nunca mais o tirou. Ele o guardava como um tesouro. — paro um pouco. — Quando o carro do Hugo...

Zach se afasta de mim e olha para o teto. Vejo que falar de Hugo estragou nossa primeira noite juntos na casa nova. Ele nunca tentou apagar Hugo do meu passado e de Caiden, por isso, não sei por que ficou tão distante de repente. Continuo falando, na esperança de que ele se acalme de novo.

— É que eu achava que aquele corvo estava no carro e despencou com Hugo, mas agora está com Caiden.

Zach suspira e diz, pragmático:

— Será que Caiden não o encontrou? Ou vai ver sua mãe comprou para ele.

— Ela teria me contado.

— Não é possível que o corvo não estivesse no carro quando Hugo morreu?

Minha cabeça está a mil. Será que Hugo deu o corvo a Caiden? Se deu, por quê? E por que Caiden nunca falou nada?

— Não sei. Só sei que Hugo estava naquele carro e morreu, e sempre achei que o corvo também estava lá.

Aquele dia ainda me assombra. Eu havia viajado com minha mãe; não vi as ligações da polícia e, quando chegamos, na manhã seguinte, vimos a fita isolando a área e policiais por todo lado. Foi quando descobri o que aconteceu com Hugo. Ele não queria que eu fosse a Londres naquele sábado à noite com minha mãe e Caiden para ver um show; esse foi um dos motivos da nossa discussão. Hugo nunca queria que eu fosse a qualquer lugar sem ele.

Suspiro, de repente me sinto sufocada pelo tanto que ele se importava comigo. Quando cheguei a casa e um policial me contou o que aconteceu, fiquei sem ar. Minha mãe me amparou quando desmaiei, e Caiden chorava tão alto que eu não conseguia ouvir mais nada. Semanas depois, confirmaram que o DNA do corpo encontrado no carro era compatível com o do meu marido.

Zach aperta minha mão embaixo da manta, e eu me encolho.

— Desculpe, estava distraída. Você tem razão, vai ver minha mãe comprou para Caiden. Só pode ser isso.

A alternativa é impensável. Será que Hugo deu o corvo para Caiden, sabendo que ia morrer? Será que fez nosso filho jurar que nunca me contaria que estava com ele?